**MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE EM UM SONHO NO CAROÇO DE
ABACATE, DE MOACYR SCLiar**

Lays Caroline Ferreira Leandro – UEG
Maurício Ferreira Borges Júnior – UEG

Resumo: Permeado pela ideia de que os seres humanos se afirmam na sociedade baseados em suas crenças, características físicas, emocionais, personalidade, atribuídos ao vínculo de gerações familiares, identidades e identificações, e sabendo-se que tais características contribuem para a construção do indivíduo enquanto ser que esta no mundo, que o percebe, que o constrói e que o interpreta analisaremos o conto *Um sonho num caroço de abacate* de autoria de *Moacyr Scliar*. Segundo Jean-Jacques Rousseau, os seres humanos nascem puros, inocentes, mas a sociedade os corrompe. Sendo assim, há uma crença de que tal hipótese pode estar certa no que tange a formação intelectual dos indivíduos, porém, acrescenta-se a ideia de que os seres humanos constroem suas identidades baseadas nas memórias historicamente construídas, as quais são essenciais aos indivíduos para a consolidação das formas como vão compreender e interpretar o mundo que os cerca. Tais memórias são construídas tanto no campo da consciência quanto nos domínios do inconsciente. Questionamos se os indivíduos possuem uma identidade social fixa e inalterável, construída a partir das memórias, que subsequentemente pela escrita, que nos permite no perpetuamento de identidades, que serão vistos no romance estudado.

Palavras - chave: memória, resistência e identidade social.

Descrição do Objeto

Memória!
Convoca aos salões do cérebro
um renque inumerável de amadas.
Verte o riso de pupila em pupila,
veste a noite de núpcias passadas.
De corpo a corpo verta a alegria.
esta noite ficará na História.
Hoje executarei meus versos
na flauta de minhas próprias vértebras.
(Vladimir Maiakóvski)

Mediante a habilidade inerente aos seres humanos de criar e recriar sua identidade social seja calcada na oralidade ou amparada na escrita, ambas agregam em si valores, tradições, costumes, gestualidades e memórias caras as culturas em que estão inseridas.

Não é por acaso, que Moacyr Scliar (1937 – 2011), descendente de judeu russo, e autor da obra *Um sonho no caroço do abacate*, escreveria e se dedicaria a um trabalho ao público infanto-juvenil, seja na crônica, romance, ficção, ou no conto, todos esses elementos reunidos atribuíam ao autor um caráter extremamente humanista.

Assim, a maioria de seus personagens na ficção são descendentes de judeus, com características bem brasileiras, pois sua condição de valor era baseada na motivação, o começo de sua narrativa e objetivação final, a ação de liberdade que Scliar utiliza para dar vida aos seus personagens.

Sendo assim, encontramos impressos nas linhas desse romance os contornos memoriais baseados nas memórias construídas a partir da tradição judaica instalada no Brasil pós-45. As ações trançadas pelos valores culturais herdados, as projeções interligadas ao espaço que se utiliza e a liberdade que se possa usar na escrita, segundo Alfredo Bosi, influenciam a construção do locus narrativo a que se pretendem os autores.

O espaço da palavra, de acontecimentos entre o passado dos pais de Mardoqueu Stern enraizado pela tradição-social, cria-se na ação do presente acontecimentos que se agregam na vida do personagem e gera um sentimento de perpetuamento do que acontecera do passado e mescla-se no presente.

Como aponta Hannah Arendt (ARENDR, 2009, 34),

a função da mente é compreender o acontecido, e essa compreensão, de acordo com Hegel, é o modo de reconciliação do homem com a realidade; seu verdadeiro fim é estar em paz com o mundo. O problema é que, se a mente é incapaz de fazer a paz e de induzir a reconciliação, ela e vê de imediato empenhada no tipo de combate que lhe é próprio.

Assim, a escrita possui o poder de transformar uma história que muito facilmente poderia se perder no tempo, porém como o genocídio judaico, ela resiste entre o tempo disseminando a repressão, a dor, a compaixão e entre outros, que simplesmente é o nutrimento pensamento do diálogo entre o individuo e posteriormente a coletividade inserida no espaço habitual.

“A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas, com todo o reino do possível e do imaginável” (BOSI, 1996, pg. 15), e é nesse reino do possível e imaginável que o personagem Mardoqueu Stern, do livro *Um sonho do caroço do abacate*, narra baseado no que ele acredita que tenha acontecido com o pai dele na Lituânia, até sua chegada ao Brasil, e como essa ideia de identidade social floresce em Mardoqueu Stern no desabrochar de sua adolescência.

O espaço que se apresenta no livro é do Brasil do século XX, e o imaginário dessas terras era projetado na ideia dos europeus da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), como mostra:

Emigrar foi bem difícil do que imaginavam. Os países relutavam em receber judeus; finalmente meu pai conseguiu – milagrosamente, como diria depois – vistos para um país do qual pouco sabia: o Brasil. Minha mãe não tinha a menor ideia de onde ficava este lugar, e achava que era habitado por índios; meu pai, porém, mostrou-lhe fotos de grandes cidades, disse que teriam ali muitas oportunidades. Mas o que convenceu mesmo minha mãe foram o açúcar e as frutas (SCLIAR, 2000, pg. 03);

Essa era a identificação que muitos atribuíam as características de um Brasil tropical, habitados por índios, com muitas frutas e a acessibilidade a uma vida melhor; ao qual faz referência à temática de imigração utilizada nos quadros de Anita Malfatti, na semana de 22.

E nessa temática a resistência está muito ligada à memória herdada que Mardoqueu Stern possui, essa dualidade entre realidade e memória são acolhimentos entre o passado e o futuro, pois a ficção possui muito dessa característica, pois nela o surreal ganha força de realidade. Como diria Hannah Arendt (ARENDR, 2009, 36) “a cena é um campo de batalha no qual se digladiam as forças do passado e do futuro”.

Mas o livro, a ficção se aproxima pelo aspecto da construção de lembranças ao qual Mardo está sujeito ao jogo da lucidez, onde as imagens de sua memória podem se retorcer (ganhar outro sentido, outra perspectiva) ao momento que sua vivência vem à tona com a identificação com sua mãe:

Quando minha mãe soube que se tratava do Colégio Padre Juvêncio, teve um ataque. Meu pai não era religioso, mas ela vinha de uma família de rabinos, e não podia suportar seu filho num colégio góí, não judaico [...] tendo vivido sempre nos restritos círculos de convivência judaica, e tendo passado por terríveis experiências, ela desconfiava de todos os estranhos; que, imaginava, passavam os dias maquinando meios de perseguir e exterminar judeus. Seu desespero, ainda que explicável, era impressionante.” (SCLIAR, 2000, pg. 08), e, “o estado natural do ser humano era o sofrimento; sofria desde que acordava de manhã até o momento em que ia dormir. Dormir, modo de dizer: ela nunca dormia. “Dormiu bem, mamãe?” “Nada. Não dormi nada. “Não preguei olho a noite inteira”. Sofria durante a semana e no fim de semana, sofria no inverno e no verão, sofria, sofria. A imagem que eu tinha dela (SCLIAR, 2000, pg. 28).

Para Philippe Joutard (POLLAK, 1992, 201):

podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.

Essa identificação que Mardoqueu Stern é projetado, pois, sucedem pelo processo do (1) acontecimento, os sofridos pelo holocausto, os (2) outros personagens que são seus avós, tios e tias, que faleceram nos campos de concentração, e aos seus pais, sobreviventes da II Guerra Mundial (1939- 1945), nos quais transferem essa memória individual e coletiva que desencadeia numa resistência, e através dela projeta-se numa identidade social vivida pelo personagem principal (Mardoqueu Stern), e o (3) lugar que a família reside na atual situação, no bairro do Bom Retiro, São Paulo.

Pois, como salienta Hannah Arendt (ARENDR, 2009, 31):

a memória, que é apenas um dos modos do pensamento, embora dos mais imponentes fora de um quadro de referência preestabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo.

Se interconecta com o vivido por milhares de sobreviventes, pois a intenção de Moacyr Scliar possivelmente seria de (re)cria imagens, e sensações que é visível através das gerações, e fortemente na escrita, como no caso do romance *Um Sonho no Caroço do Abacate*, como mostra o trecho:

“O milenar terror que herdara de meus antepassados” (SCLIAR, 2000, 18)[...] “Cada vez que, em aula, se falava na morte de Cristo [...] foi você, judeu Mardo, foi você quem matou o Divino Mestre, você queria se livrar dele porque preferia a usura à verdadeira fé”. Forno crematório era pouco para os meus crimes; eu tinha de queimar para sempre nas chamas do inferno [...]“ Desenhar Cristo não me seria fácil. No Bom Retiro, Jesus era uma figura pouco presente, mas ali, no colégio, fazia parte do cotidiano. Para mim, um penoso cotidiano; constantemente eu era lembrado de que meus antepassados tinha acusado Cristo, que meus antepassados tinham pedido a morte de Cristo. Uma culpa que insensivelmente eu ia assumindo – e ampliando: eu era o réu. (SCLIAR, 2000, pg. 17).

A narrativa do diálogo que o personagem Mardoqueu convive simplesmente é a tentativa de caminhar para o futuro, mas o passado agregado à comunidade histórico-judaica o impele a transitar livremente no presente, pois segundo Hannah Arendt (ARENDR, 2009, 37):

o homem vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto onde “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua aceção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservadora graças à “sua” luta constante, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro. Apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo

indiferente do tempo parte-se em passado, presente e futuro.

Portanto, esse trabalho propõe-se investigar a natureza de como a memória é trabalhada como resposta de uma resistência, baseada no personagem Mardoqueu Stern, que é submetido à construção das raízes familiares que interferem na sua própria individualidade e na identificação pessoal perante a ele mesmo e a sociedade que lhe rodeia, e na transferência de pensamento e experiência que lhe causam transtorno, pois a aceitação do que ele é, no sentir, a se ver rodeado de tantos fatos e acontecimentos em sua mente que descortinam através da cena.

Metodologia

O trabalho pretende tratar as maneiras como esses elementos memoriais, constitutivos das identidades reagem nos indivíduos, os seus impactos na sociedade e como isso se reflete num todo, ou no dever de uma lembrança que se pendura entre a tradição de povos judaicos agregando-se através das gerações marcando-as pela identificação social que traça o perfil do indivíduo, caracterizando-o num valor social.

Partindo do pressuposto da interação que o indivíduo possui em sua comunicação e a qual o objeto de estudo já esclarecido a cima, o personagem do livro Mardoqueu em suas tentativas de conectar os atrelamentos entre o passado e presente em sua vida, o qual está submetido a flutuações e transformações constantes, o projeto se abrangerá nos teóricos, Alfredo Bosi, Michael Pollak, Hannah Arendt e entre outros que irão de contribuir para o desenvolvimento do trabalho.

Assim, o projeto se desenvolverá na parte teórica, como fora mencionado a cima, com seus respectivos teóricos, e partirá para o debate entre os autores a respeito à memória, identidade social, e resistência, com a participação de convidados e participantes para entregarem ao debate construtivo de possibilidades, e argumentos sólidos para finalização dos pontos abordados.

Resultados Esperados

Almejasse através do trabalho proposto contextualizar através do debate, exposição slides, a levantar a discussão de como a memória trabalha como um fator responsável pela construção do ser humano, na sociedade que ele vive, baseando-se na perspectiva do personagem principal Mardoqueu Stern sua participação ativa de uma transferência de acontecimentos passados atuam na vida dele.

REFERENCIAS

ARENDR, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. Editora Perspectiva S.A. – 6º edição, São Paulo, 2009.

BOSI, Alfredo. *Narrativa e Resistência*. Itinerários, Araraquara, nº 10, 1996.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, nº. 10, 1992, p. 201.

SCLIAR, Moacyr. *Um Sonho no Carço do Abacate*. Coleção jovens inteligentes – 7º edição, São Paulo, Global, 2000.